

## O sublime da maldade: Um estudo comparatista das obras “A causa secreta” de Machado de Assis e “O Jardim das Oliveiras” de Nélide Piñon

Francisco Pereira Smith júnior<sup>1</sup>

Graciene dos Santos Queiroz<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo trata-se de um estudo comparatista a respeito do sublime da maldade, nas obras “*A Causa Secreta*” de Machado de Assis e “*O Jardim das Oliveiras*” de Nélide Piñon. Como este trabalho se encaixa na área dos estudos literários, particularmente, Literatura Comparada, o mesmo deverá sustentar-se teoricamente em CARVALHAL (2004) e LONGINO (1997).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, comparação, sublime, maldade.

### Introdução

Inúmeras são as formas de abordar e comparar uma literatura com outra literatura. Diante das várias possibilidades de análise sobre o “sublime da maldade”. O presente artigo traz como objetivo principal a análise comparativa entre dois contos “*A Causa Secreta*” de Machado de Assis e “*O Jardim das Oliveiras*”, de Nélide Piñon. O foco da comparação será entre os protagonistas masculino (Fortunato da Silveira e Zé), em que ambos elevam a maldade de forma diferente, mas a mesma não deixa de causar dor e sofrimento aos personagens.

O personagem do conto “*A Causa Secreta*”, tem o prazer em ver o sofrimento alheio, nada lhe é mais prazeroso que a contemplação da desgraça alheia. No conto “*O Jardim das Oliveiras*” o personagem principal tem o prazer em ver o próprio sofrimento, isso será mostrado com as lembranças que lhe são tortuosas.

Assis constrói uma personagem mostrando o comportamento e as características da sociedade na época em que viveu. Piñon enfatiza o sofrimento de Zé, no tempo da temível ditadura militar. Perante a isso a autora faz uma pequena intertextualidade com o tema “Horto das Oliveiras” da Bíblia Sagrada, encontrada no Evangelho de Lucas (Cap. 22, vec. 39-44). Em que será retratado o sofrimento antecipado de Jesus.

A literatura comparada proporciona a investigação sobre um determinado assunto dentro de várias obras literárias, e este trabalho de pesquisa buscará fundamentos nessa disciplina para melhor elucidar questões sobre a maldade presente nos personagens. Neste estudo, será usado o texto “Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura” de Machado e Pageaux (2001), em que será discutido a questão do “Tema e do Motivo. Os mesmos dizem que: “deverá chamar-se tema

<sup>1</sup> Doutor em desenvolvimento sustentável do trópico Úmido, professor adjunto I – Universidade Federal do Pará, Email: fsmith@ufpa.br

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará. Email: gracienequeiroz.mar10@hotmail.com

tudo aquilo que é elemento estruturante do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto. O motivo é o elemento a que seríamos tentados chamar acidentalmente ou decorativo” (MACHADO e PAGEAUX, 2001, p. 90).

Com base nos estudos de Freud (1996), o mesmo fala do prazer associado à atividade que causa dor (sadismo), o qual diz que o sadismo seria um par antiético ligando prazer e crueldade. O mesmo também cita o (masoquismo), o qual é o ato de causar a própria dor (FREUD, 1996, p. 147).

Enfim, nesta análise o sublime nada mais é do que um prazer ligado a dor, pode-se perceber isso principalmente no conto de Machado, em que o protagonista principal tem o prazer em ver o sofrimento alheio através da dor.

### **Por entre ficções: Diálogos de Machado e Piñon**

Comparar é confrontar elementos distintos, identificando semelhanças e diferenças. Com base nisso a comparação é algo próprio da natureza humana. Por isso, valer-se da comparação é habito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo nas linguagens dos provérbios ilustra a frequência de empregos de recursos.

Segundo Carvalhal (2004) o termo “Literatura Comparada” designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas (CARVALHAL, 2004, p. 05). E a partir desse conceito, o objetivo dessa pesquisa é confrontar duas obras, não apenas compará-la, mas mostrar com clareza os seus fundamentos e conceitos.

Ao ler os contos a serem estudados, percebe-se que existe uma diversidade de conceitos, respectivamente a respeito da maldade, em que o mesmo será apresentado de maneira diferente em cada obra.

O sublime se dirige ao ilimitado, ao que ultrapassa o homem e todas as medidas ditadas pelos sentidos, ou seja, o sentimento do sublime caracteriza-se por ser misto. É composto de uma sensação de aflição que em seu grau mais alto manifesta-se como um arrepio, e por uma sensação de júbilo que pode chegar ao entusiasmo, e embora não seja precisamente um prazer é amplamente preferido pelas almas sutis a qualquer satisfação. Uma vez que, a estética do sublime é apoiada na ideia do temor reverencial a natureza, interpela os valores reinantes ligados à ordem, ao equilíbrio e à objetividade, quer dizer, tudo aquilo que serve para de algum modo excitar as ideias de dor e perigo, ou versa sobre objetos terríveis, ou opera de maneira análoga ao terror, é amigo do sublime, ou seja, e causador da mais forte emoção que a mente é capaz de sentir.

Portanto, o sublime é um efeito da arte, para cuja realização concorre de determinadas regras e que tem como fim a obtenção do prazer. Contudo, Longino (1997) diz que o sublime não leva os ouvintes à persuasão, não convence o ouvinte, mas o leva a exaltação: porque o salto imprevisível que provoca prevalece sempre sobre tudo aquilo que convence ou que agrada. Sendo assim, o sublime é para ele, algo que anima o discurso poético de dentro para fora e arrasta os ouvintes ou os leitores ao êxtase (LONGINO, 1997, p 72).

Com base nos estudos de literatura comparada, a primeira obra a ser analisada é “A Causa Secreta”, do escritor Machado de Assis, a qual tentarei mostrar como será dado o sublime da maldade. Uma vez que o autor utiliza-se de recursos para mostrar com clareza a maldade que o ser humano é capaz de fazer. Sendo assim, o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império (BOSI, 2003, p. 11).

Entende-se na obra de Machado de Assis que o mesmo mostra por meio do personagem Fortunato os sinais da crueldade humana. Diante disso, uma das características presentes nas obras de Assis é o comportamento que encobre e antagoniza a natureza humana. Percebe-se em Assis a percepção do social médio, leva, em geral, a nivelar por baixo o comportamento das suas criaturas, e nisto guarda sempre algum ar de família com a visão “realista” do ser humano, que é a do seu tempo, em que o evolucionismo se enraíza em um radical pessimismo em relação aos móveis da própria evolução (BOSI, 2003, p. 48).

O conto “A Causa Secreta”, aborda vários assuntos: amizade, violência, vida em família, trabalho, ciência entre outros. Machado de Assis cria, dentro de um espaço familiar, um cenário conflitante cheio de rodeios e tramas. Assim ganha destaque, como tema central, a questão do sofrimento ou da crueldade do ser humano. O autor cria uma história enigmática, — “a narrativa, com efeito de horror e suspense, é marcada com a descrição de um protagonista também transcendente quanto ao seu caráter suspeito e sinistro” (SILVA, 2010, p. 03).

O conto inicia com um grande suspense que será desvendado ao longo do desenrolar da história. O mesmo é narrado em terceira pessoa do singular, o narrador ao iniciar a história relata que os três personagens estão mortos e enterrados, assim ele poderá contá-la sem reboço. O conto apresenta fortes traços do realismo e um desses traços são a objetividade e o positivismo, visto que, este último analisa a realidade através das observações e das constatações racionais. A visão subjetiva da realidade é substituída pela visão que procura ser objetiva, fiel, sem distorções. Em lugar de fugir à realidade, os realistas procuram apontar falhas como forma de estimular a mudança das instituições e dos comportamentos humanos. Em lugar de heróis, surgem pessoas

comuns, cheias de problemas e limitações. E esses comportamentos ficam bem claros no conto de Assis.

“A causa secreta” é um conto que retrata a amizade entre o recém formado médico Garcia e Fortunato, no qual o personagem Fortunato é dono de uma misteriosa compaixão por doentes e feridos, mas que de acordo com Garcia esconde um mistério. Como já foi citado acima, o conto começa com uma cena onde os três personagens principais estão numa sala sem conversar e o narrador nos afirma que aconteceu algo tão feio e grave que toda conversa a esse respeito ficou constrangida. A partir daí o narrador nos conta a história de Garcia e Fortunato e como estes se conheceram.

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luíza, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia – que estivera excelente – de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará (ASSIS, 2008, pag. 169).

Garcia recém formado em medicina pelo ano de 1960 encontra-se com Fortunato pela primeira vez em frente à porta da Santa Casa. Logo após esse encontro Garcia fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tê-la-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro poucos dias depois. O médico tinha por distração ir ao Teatro, e num dia qualquer se encontrou com Fortunato e sentou-se bem próximo a ele. A peça era “um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos”; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse.

Nos lances dolorosos a atenção de Fortunato redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. Garcia percebeu isso logo no final do drama quando veio à farsa e Fortunato não esperou e saiu. Logo, Garcia seguiu Fortunato, que foi pelo Beco do Cotovelo, Rua de São Jorge, o mesmo ia devagar e cabisbaixo, aparando as vezes para dar bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Após algumas semanas, Fortunato leva um homem de nome Gouveia até a casa de Garcia. Eram aproximadamente nove horas da noite, quando Fortunato chegou com o tal homem, ele gritava de dor. Chamaram um médico e o acudiram. Foi neste momento que o sádico contou-lhe tudo o que havia acontecido com o tal Gouveia. Logo após, veio o médico e o delegado e tomaram as informações e o desconhecido que socorreu o homem se chamava Fortunato. O mesmo ficou com o doente até ele melhorar, servindo de criado. Uma vez que, a ferida foi dada como grave.

Enquanto cuidava do ferido Garcia tinha a tensão redobrada a Fortunato.

Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar e tinham a expressão dura, seca, fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, de t mpora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando em quando voltava para o estudante e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta (ASSIS, 2008, pag. 171).

O estudante de medicina ficou com uma enorme curiosidade a respeito daquele homem que ajudara o pobre Gouveia. Esse por sua vez, voltava todos os dias só para ver o sofrimento daquele pobre coitado. Depois da cura, Fortunato desapareceu sem dizer onde morava, pois o pobre ferido queria lhe agradecer, sem saber que foi o próprio Fortunato o causador de tanta maldade. Passado alguns dias, o tal Gouveia foi até a casa do maldoso. Ao chegar l  o coitado lhe agradeceu a esmola que o maldoso havia feito, que foi ter socorrido quando ele estava ferido. Mas o s dico homem não queria saber de agradecimento, pois o que lhe importava era apenas ver o sofrimento do outro e não a saúde.

Muito tempo depois, Garcia agora já formado médico se encontra com Fortunato, os dois começaram a ter certa familiaridade e o último convidou Garcia até a sua casa. Na primeira visita Garcia conhece a mulher de Fortunato, Maria Luísa. Algumas visitas depois, Garcia contou para Maria Luísa como os dois (ele e Fortunato) haviam se conhecido, ela ficou muito surpresa com a história, como afirmou o narrador “como se acabasse de descobrir- lhe o cora o”. Já Fortunato enquanto ouvia, sacudia os ombros, e no fim contou a visita que o ferido lhe fez, sempre zombando deste. Maria Luísa, a esposa, ficou desconsolada com a zombaria do marido. Depois deste ocorrido, Fortunato teve a ideia de abrir uma casa de saúde e queria que Garcia fosse o colaborador. Este último resistiu por algum tempo à ideia, dias depois acabou por aceitar. Com o estabelecimento da casa de saúde, Fortunato tomava conta de tudo, desde as compras até o cuidado com os doentes. “Toda a gente pasmava e aplaudia, Fortunato estudava, acompanhava as opera es, e nenhum outro curava os cáusticos”. Neste meio tempo, Garcia começou a nutrir um amor por Maria Luísa.

Fortunato começou a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em “rasgar e envenenar gatos e cães”. Como isso atordoava os doentes, mudou seu laboratório para sua casa. Depois de um tempo Maria Luísa pediu para que Garcia convencesse Fortunato a parar com os experimentos, pois ela não podia mais aguentar. Garcia conseguiu convencer Fortunato a não fazer aquilo mais em casa. Ao longo deste tempo, Garcia foi notando que Maria Luísa estava diferente, tossindo muito, tentou ver o que esta tinha, mas ela não deixou. Dois dias mais tarde deu-se um episódio macabro, Fortunato em seu escritório torturava um rato, cortando-lhe pata por pata, sempre que lhe cortava uma pata, encostava o bicho até a chama do espírito de vinho,

mais rápido para que o animal não morresse de vez. Repetiu isso algumas vezes, mesmo sob os pedidos de Garcia para matá-lo de uma vez.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata do rato, e pela terceira vez fez o movimento até a chama. O miserável não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia (ASSIS, 2008, p. 175).

Garcia então percebe o grande segredo de Fortunato, pois de acordo com o primeiro, todo homem tem um segredo, e Garcia se gaba de ter a habilidade de descobrir qual é a essência das pessoas. Percebe-se, porém que é nesta hora que vem a aparição do sublime da maldade, ou seja, Garcia descobre a verdadeira “causa secreta” do conto, é ver que Fortunato só se sente feliz vendo o sofrimento alheio.

Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer. Castiga sem raiva, pensou o médico, pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem (ASSIS, 2008, pag. 175).

Fortunato ao ser descoberto em sua ação finge uma raiva pelo rato, pois este lhe roeu um papel importante. Garcia percebe a falsidade da desculpa dada por Fortunato e começa a relembrar outras situações vividas pelos dois e percebe que o mesmo mecanismo rege todas, até mesmo o desvelo de Fortunato pelos doentes: “Relembra os atos dele, graves e leves, achava a mesma explicação para todos” (ASSIS, 2008, p. 176).

Passa algum tempo e Maria Luísa morre, no velório desta, Fortunato flagra Garcia chorando por esta e percebe que este nutria um amor por sua mulher. Ao invés de se indignar, este fica se deliciando com o sofrimento do “amigo” junto ao cadáver de Maria Luísa.

A perversão é uma das três estruturas psíquicas descrita por Freud (1996), ao lado da psicose e da neurose. Percebe-se, porém que a interpretação a respeito do comportamento de Fortunato, seria a explicação do sadismo, sendo que, o sadismo é visto como uma agressividade em que o ser exerce contra uma pessoa, como se ela fosse um simples objeto, em que mais tarde o objeto é substituído pela própria pessoa. Freud coloca o comportamento sádico-masquista repousando num sadismo originário ativo.

Diante disso, “A Causa Secreta” mostra cenas que indicam um sentimento de prazer, ao presenciar ou infringir o sofrimento alheio, tomado por este como um objeto: isso se dá quando o protagonista mostra o gosto por cenas sangrentas, como na peça “dramalhão, cosido a facadas”

e retira-se na hora das farsas e das representações mais leves. Mas a cena mais forte é quando Garcia reconhece a verdadeira personalidade de Fortunato. Quando o mesmo faz toda aquela maldade contra o indefeso rato.

Nesta cena, ao descobrir que está sendo observado, Fortunato finge e logo diz que estava fazendo essa maldade com o rato, pelo fato do mesmo ter roído um documento muito importante. Após esse incidente, Maria Luísa que já parecia ter uma saúde frágil, fica doente – era tísica. Observa-se, por meio da focalização zero (onisciente), a descrição do prazer de Fortunato em cuidar de Maria Luísa.

Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lho pagou com uma só lágrima, pública ou íntima (ASSIS, 2008, p.177).

Outro momento de prazer de Fortunato é percebido no velório de Maria Luísa. Por meio da focalização interna variável, agora a partir do olhar de Fortunato. Ele observa Garcia sofrer de amor, do amor calado que aos poucos foi crescendo ao passar a jantar quase todos os dias na casa de Fortunato e notar a solidão moral de Maria Luísa. Fortunato sente prazer em ver a dor de Garcia, chorando em borbotões, irremediavelmente desesperado: “Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa” (ASSIS, 2008, p.177).

De acordo com o que foi citado acima, pude perceber que o rato torturado da experiência acaba sendo um espelho da esposa morta que, na sua agonia lenta, lhe trouxe intenso prazer.

Portanto, o verdadeiro sentindo do conto é explicar como se dá o sublime da maldade, uma vez que aos poucos Fortunato, mostrará suas tendências maléficas, torturando animais, fato este que atordoia a mulher, dentre outros momentos em que o mesmo, mostra-se feliz ao ver a desgraça alheia.

Diante deste fato, e a partir do sublime definido por Longino, identificarei como fontes do sublime as seguintes capacidades: certa elevação do espírito para se poder formular elevadas concepções; o afeto veemente e cheio de entusiasmo capaz de provocar paixões inspiradas; certa disposição das figuras de pensamento e de dicção, que seriam uma espécie de desvios provenientes da imaginação e criatividade; formular de forma nobre; e compor de forma magnífica, dignificante e elevada.

O segundo conto a ser analisado é “*O Jardim das oliveiras*” de Nélida Pinõn, primeiro conto do livro *O Calor das Coisas*, em que buscarei mostrar de maneira clara e objetiva como será dada a elevação da maldade por meio das torturas causadas durante a Ditadura Militar, torturas essas que serão dadas a partir das lembranças do próprio narrador. Este conto retrata de maneira contrária como será dado o sublime da maldade. Sendo que no primeiro conto analisado do autor Machado de Assis, o sublime da maldade se mostra através de Fortunato, em que o mesmo sente prazer em ver o sofrimento alheio. Já no segundo conto, a maldade é elevada de maneira voltada para o próprio personagem, em que o personagem principal sofrerá todas as vezes que relembra das torturas ocorridas no tempo da ditadura militar. Ou seja, o sofrimento neste conto se dará através do psíquico.

Ao ler o tema “O jardim das Oliveiras” percebe-se que a autora, ao criar esse conto, faz uma pequena intertextualidade com a passagem “Horto das Oliveiras” da Bíblia Sagrada. Sendo que, é nessa passagem que os evangelistas narram o sofrimento antecipado da morte de Cristo. Com base nisso, o único evangelista que narra com clareza a passagem que fala do sofrimento de Cristo é o evangelista Lucas (cap. 22, vec. 39 a 46), em que o mesmo afirma que Jesus suplica ao pai dizendo: “Pai, se quiseres, afasta de mim esse cálice; contudo não seja feita a minha vontade, mas a tua” (BÍBLIA SAGRADA, LUCAS 22, pag. 1304, vec. 42).

O evangelista Lucas, afirma que Jesus, orou três vezes, e na última vez, com agonia orou com tanta insistência que seu suor tornou-se sangue que caíam ao chão. Percebe-se que nesta passagem Jesus sofreu por algo que ainda iria acontecer. Enquanto que no conto o protagonista sofre com algo que já aconteceu. Portanto, os primeiros parágrafos do conto de Pinõn começam com o próprio personagem narrando um episódio que lhe aconteceu.

Logo que abri a porta, o homem me pegou pelo braço. Não adianta fugir ele disse. E seu gesto não foi de ladrão, de quem vai contra a lei. Parecia certo de seus próprios atos, não se importando que os vizinhos o surpreendessem. Tinha olhar de vidro e o seu nariz, como o meu, era ligeiramente adunco. Não lhe vi sinal particular na cara (PINÕN, 1997, pag. 102).

Após esse acontecido, no carro parado em frente ao prédio o sublime de Longino aparece quando Zé se depara com três indivíduos anônimos, aos quais ele pensou serem seus amigos de infância, mas logo foi surpreendido pela grosseria dos homens, não se importando com o seu rosto amedrontado, e subitamente foi jogado no banco traseiro com grande desprezo. Sendo que os torturadores agiam discretamente sem serem vistos pelos vizinhos. Zé conta que foi levado para uma sala, onde havia três cadeiras, a mesa sem toalha e as paredes sem pinturas. Local ideal para uma grande tortura.



Zé, diante deste cenário sentia o medo grudado na pele que quase ia lhe asfixiando e sentindo seu sangue parar nas veias. Percebe-se que nesta parte o sublime definido por Longino, aparece no momento em que Zé sente o pavor do lugar e relembra do que havia ocorrido no passado, onde sua memória revivia a dor e a tortura e rogava ao intestino, a alma e ao ventre que não o humilhassem outra vez. Em frente aos algozes que lhe interrogavam sobre tal Antônio, que o mesmo fazia parte de um grupo que era perseguido pelo regime militar. Zé respondeu “não sei de nada, tudo o que sabia confessei há nove anos” (PINÕN, 1997, p.103). Sendo que, “todos sabíamos que Antônio estava morto” (PINÕN, 1997, p.103).

Mais os algozes não queriam saber, pois tinham o prazer de ver o sofrimento alheio, sendo que para eles ver o sofrimento era um sentimento de prazer, assim eles tinham o sublime da maldade. E isso não parou por aí, pois os questionamentos dos algozes continuavam como também as torturas, principalmente a psicológica para que o interrogado esclarecesse os fatos, e isso ocorria diariamente, maltratando fisicamente e assaltando a consciência imolada pelo medo e o remorso, sendo que, Zé tinha o sublime quando pensava no que havia acontecido há nove anos.

Ao longo das torturas, Zé sentia um enorme pavor e ao mesmo tempo queria vingança, pois jamais esquecerá os seus algozes. “Seus rostos dados ao meu, refletem no espelho quando faço a barba. Algumas vezes a mão treme, sonho em mutilar no meu rosto aquelas caras pacientes e frias” (PINÕN, 1997, p. 106).

Percebe-se que, no trecho citado acima, o protagonista não consegue esquecer os rostos de seus torturadores e por isso sente vontade de mutilar o próprio rosto, por ter lembrança das caras pacientes e frias de seus algozes.

E Zé não suportando a ideia de ser torturado, pois já tivera esta experiência anteriormente, sente-se fraco e incapaz de resistir à força dos poderosos que se abatiam sobre ele, e com isso, acaba entregando o amigo a seus perseguidores o que o deixa com um peso na consciência e o faz sofrer muito ao lembrar-se do que tinha feito com Antônio, ou seja, entregue seu amigo a seus algozes. O que ele não conseguia esquecer, mesmo nos momentos com sua esposa Luíza, na consciência o lembrava o episódio da tortura de Antônio e o remorso o massacrava ainda mais, embora ele não tivesse sido o único a traí-lo.

No conto, o protagonista diz que sua felicidade maior é estar ao lado de Luíza, seu grande amor. Mas ela não lhe dá a atenção que ele quer, e por amá-la, respeita suas decisões. Ao mesmo tempo em que sente feliz ao lado da mulher amada ele diz: “Sou um animal que ao lado das derrotas contabiliza o medo” (PINÕN, 1997, p. 110).

Zé, cansado de sofrer as humilhações, não consegue esquecer as torturas que passou nas mãos dos algozes, e com as mãos trêmulas diz.

Esbofeteavam o meu rosto, a descarga elétrica vinha nos testículos, no círculo do ânus. Eu balançava, perdia os sentidos. Voltava a vida não querendo chegar-me a ela. O que tinha a vida a prometer-me para eu defende-la com bravura? O chefe exercitava os dedos afiando a navalha contra o meu sexo. Vamos, trema que eu te capto. Eu tremia, babava, fechava os olhos, rezava. Como será o retrato de uma carne mutilada saberiam fotografar a minha dor, última vibração do nervo abatido? Os algozes me arrastavam como escravo, me amavam, tocavam no meu corpo, iam as minhas partes. Aos prantos supliquei muitas vezes, não sei de nada, já lhes disse tudo (PINÕN, 1997, p. 113).

Não suportando as torturas, o protagonista deu-lhe as informações que os torturadores tanto buscavam, que para ele se transformou em pesadelos, no seu cotidiano o qual renascia a cada instante aumentando seu sofrimento e aflição. O que o levou a morte mesmo não sendo confirmada pelos torturadores que alegavam ser Antônio um desertor, e que estava estabelecido em Paris. Ele conta que o medo é algo que sempre lhe acompanhará, ou seja, ele exerce aos cuidados do medo, uma vez que sua consciência é dolorida por ter entregue o amigo aos seus torturadores. Percebe-se porém que torturas como essas, eram frequentes no tempo da ditadura militar, pois para confessarem algo, as pessoas tinham que submeter a esse tipo de sofrimento.

Com base no que foi descrito acima, os dois contos a serem analisados, apresentam o sublime da maldade de forma diferente, mas que tem também semelhanças entre si. Será apresentada aqui as semelhanças e as diferenças que há em ambos os contos. No primeiro conto “*A Causa Secreta*”, o narrador se encontra em terceira pessoa do singular, o mesmo é onisciente, ou seja, sabe tudo o que aconteceu com os personagens e conta que os três estão mortos e enterrados. Diante disso, o primeiro texto começa com um suspense.

O narrador, conta que os personagens, tinham falado de outra coisa feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde.

Toda a conversão a esse respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luíza parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender, é preciso remontar à origem da situação (ASSIS, 2008, p. 169).

A história então é contada em flashback. Ou seja, o narrador do conto de Assis volta no tempo para contar como Garcia e Fortunato se conheceram e como os mesmos se tornaram amigos. Ao longo do tempo Garcia descobre como Fortunato eleva a maldade.

No conto “*O Jardim das Oliveiras*”, a história é narrada em primeira pessoa, à mesma é contada em flashback. Essa por sua vez, começa com o próprio narrador contando algo que lhe aconteceu.

É urgente Zé. Ao menos para mim, herói de um episódio anônimo, autor de um hino cantado em agonia e silêncio. Logo que abri a porta, o homem me pegou pelo braço. Não adianta fugir ele disse. E seu gesto não foi de ladrão, de quem vai contra a lei. Parecia certo dos próprios atos, não se importando no que os vizinhos o surpreendessem. Tinha olhar de vidro e o seu nariz, como o meu, era ligeiramente adunco. Não lhe vi sinal particular na cara. Ah, Zé, como a alma é uma gruta sem luz (PINÕN, 1997, p. 102).

Como já foi dito, Zé é o narrador, ele vai ser levado do seu apartamento à força, vai ser interrogado sobre o paradeiro de um tal Antônio. Zé e seus algozes conhecem Antônio como membro de um grupo perseguido pelo regime militar. Zé não suporta a ideia de ser torturado novamente, pois já tivera esta experiência. Sente-se fraco e incapaz de resistir à força dos poderosos que se abate sobre ele. Ele acredita que não vai resistir e acabará entregando o amigo a seus perseguidores.

Uma das semelhanças presentes no conto e que as duas obras são narradas em flashback, mas que a diferença é que no primeiro texto o narrador apresenta-se em terceira pessoa do singular e no segundo texto o narrador está em primeira pessoa do singular. Sendo que no primeiro conto, o narrador afirma que Fortunato e os outros dois personagens estão mortos, e que no segundo conto, o personagem principal narra a história através de uma simples carta. Perante esses acontecimentos existem ainda algumas diferenças e semelhanças que precisam ser apresentadas.

No primeiro conto o personagem principal é masculino, o qual sente uma enorme felicidade pela desgraça alheia.

Nem raiva, nem ódio: tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética( ASSIS, 2008, p. 176).

Esse trecho mostra qual a felicidade de Fortunato, a qual é descoberta por Garcia, em que o mesmo descobre o verdadeiro segredo de Fortunato, ou seja, mostra o prazer que Fortunato tinha em assistir o sofrimento alheio.

No segundo conto o personagem principal por sua vez também é masculino, mas a diferença é que ele sofre com as lembranças do passado, lembranças essas que faz com que o

personagem sofra muito mais. É por isso que o conto se chama “O Jardim das Oliveiras”, pois o personagem sofre mais, lembrando do que aconteceu a nove anos.

Metiam o estilete no meu peito. Dispensavam os recursos fartos e cheios de sangue. Confiavam na agonia que diariamente me assaltava na minha consciência imolada pelo medo e o remorso (PINON, 1997, p. 104).

Não desistiam. Tinham mãos nervosas, cheias de recursos, e de que se orgulhavam. E nelas não se viam manchas de sangue, ou calos por espremerem as juntas dos inimigos (PINON, 1997, p. 104).

Cercado pelas chamas dos olhos inimigos aspirava à respiração dos três homens que me haviam atraído até ali somente para eu provar de novo o gosto seco do medo, a rigidez da violência (PINON, 1997, p. 105).

Nestes trechos, o personagem Zé, conta como os torturadores faziam para que ele revelasse o paradeiro do tal Antônio, é só de lembrar as torturas, ele sofre muito. Diante disso, será mostrado como é dado o sublime da maldade através do narrador personagem. Percebe-se também, como eram as torturas por meio do silenciamento. Neste conto pude perceber que a autora mostra de maneira bem clara e objetiva as torturas por silenciamento no tempo da ditadura militar.

Uma das semelhanças também presentes em ambos os contos é que as personagens femininas também têm nomes parecidos, ou seja, no primeiro conto, a esposa de Fortunato se chamava Maria Luíza, a qual era “esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove” (ASSIS, 2008, p. 172-173). No segundo conto a “esposa” de Zé também se chamava Luíza, essa por sua vez, era perfeita para Zé, pois através dela, o personagem principal “aspirava à limpidez e a vida cristalina” (PINON, 1997, p. 109). Ou seja, percebe-se que a descrição das personagens femininas são parecidas, porém, a diferença está no modo pelo qual os “esposos” vêem as esposas. Quer dizer, no primeiro conto, Fortunato vê a mulher amada como um simples objeto, uma vez que Fortunato, ao conhecê-la mostra-se uma pessoa calma e atenciosa e que quando casa mostra “a sua verdadeira face” (GUENTHER, 2008, p. 184). Enquanto que no segundo conto o personagem principal tenta resgatar a beleza da vida perdida ao longo das torturas, ou seja, ele (Zé) através da face e da beleza de Luíza busca concentrar-se no universo pessoal o qual diz que a mesma é a essência da sua felicidade (PINON, 1997, p. 105).

Ambos os contos também apresentam semelhanças visto que os mesmos são voltados para a amizade, vida em família, dentre outras coisas. Ou seja, o primeiro conto aborda o assunto, amizade, vida em família, e o segundo conto também irá abordar os assuntos, amizade e vida em família dentre outros. Em outro plano, percebe-se que a primeira obra é voltada mais para o

mundo capitalista, uma vez que o personagem principal é considerado um homem rico e de posse, e é movido por esse fato que a história logo de início começa com uma peça em que somente a sociedade rica era capaz de frequentar, já a segunda obra é voltada mais para o mundo em “guerra”, a sociedade reivindicava pelo direito de ter a liberdade de expressão e por um mundo democrático, ou seja, no primeiro texto, a sociedade é burguesa, quer dizer a burguesia era quem comandava. Já no segundo texto quem comandava eram os militares.

Diante disso, ao analisar os contos “*A Causa Secreta*” e “*O Jardim das Oliveiras*”, percebe-se que cada obra mostra de maneira diferente como se dá o sublime da maldade. Com base nisso, tentarei mostrar o verdadeiro sentido do termo “sublime”, uma vez que o mesmo significa elevação a alguma coisa. E nesta obra a elevação é mostrada através das maldades do ser humano.

Perante a isso, pude perceber que o narrador de Machado de Assis, mostra de maneira bem clara que a sociedade se esconde por trás de máscaras e com base nisso o autor, soube selecionar elementos essenciais ao criar o personagem Fortunato. Como este conto tem características realistas, pude notar que o narrador de Machado tenta ser objetivo em todos os detalhes, mostrando a verdadeira face da sociedade em que vivera.

No conto de Piñon, a elevação da maldade se dá de forma parecida com a do primeiro texto, pois percebe-se que, a autora também tem a preocupação de mostrar uma sociedade comandada por pessoas perversas, ou seja, ela também soube organizar em poucas linhas as torturas realizadas no tempo da ditadura militar.

Portanto, o sublime descrito por Longino, se dá de maneira diferente em cada obra analisada. No conto de Machado de Assis, a elevação da maldade é mostrada através do personagem Fortunato, em que o mesmo sente o prazer em ver a desgraça alheia. Ao longo da história o narrador mostra passo a passo o comportamento do personagem principal. Ou seja, até chegar ao clímax de o porquê o conto tem esse nome de “*A Causa Secreta*”, Machado de Assis, faz vários suspenses, para enfim mostrar a verdadeira Causa do conto, que era o prazer que Fortunato tinha ao ver o sofrimento alheio. Fortunato era um homem sádico e sem coração, nada lhe importava, a felicidade das pessoas lhe fazia mal. O personagem criado por Machado de Assis, mostra-se um bom homem, quando na verdade não passa de um verdadeiro monstro quando revela sua outra face. Logo, percebe-se que o mesmo tem dupla personalidade.

Enquanto que no segundo conto da autora Nélide Pinõn, a elevação da maldade é dada de forma diferente, ou seja, no primeiro texto o personagem principal sente prazer de ver o sofrimento alheio e com isso faz todas as maldades que lhe convém, já no segundo o sublime se dá a partir das lembranças que o personagem principal sofre no tempo da ditadura militar. Ou

seja, segundo Freud (1996), percebe-se que no conto de Piñon acontece o masoquismo, o qual significa o ato de causar a própria dor, e isso pode perceber logo nas primeiras linhas deste conto.

Com base nisso, a autora faz uma pequena intertextualidade do tema com a passagem “Horto das Oliveiras”, descrita no Evangelho de Lucas, em que o mesmo conta o sofrimento e a agonia de Jesus ao pensar em sua morte. A diferença do conto com a passagem da Bíblia é que Jesus sofreu algo que ainda iria acontecer, o evangelista diz que a agonia de Jesus foi tão forte que o mesmo suou sangue. Nesta passagem, percebe-se porém que Jesus sofreu mais no “Horto das Oliveiras” no momento em que suplicava ao pai, do que quando foi crucificado. E no conto não é tão diferente assim, o ator principal, todas as vezes que relembra das torturas sofre muito mais do que quando era torturado no tempo da ditadura militar. Quer dizer, enquanto Jesus sofre por algo que ainda ia lhe acontecer, Zé, sofre muito mais por algo que já lhe aconteceu. A outra diferença é que no primeiro conto a maldade só é descoberta no meio do conto, enquanto que no segundo a maldade é vista logo no primeiro parágrafo quando o protagonista começa narrando uma história cantada em agonia.

Enfim, Assis e Piñon, mostram a noção de superioridade dos homens. Assis, por sua vez cria uma história voltada para as atitudes incompreensivas para mostrar a reação de seus leitores. Por conta disso, Machado de Assis enfatiza o sofrimento e a crueldade humana, mostrando até que ponto o ser humano é capaz de chegar para ver o sofrimento alheio. Nélida Piñon nos mostra o trauma causado pelas torturas sofridas pelo personagem, ou, em outras palavras, as possíveis consequências psíquicas ao sujeito torturado. Além de discorrer sobre as várias maneiras de ser aprisionado dentro do assunto sobre tortura, busca-se aproximar o ambiente onde se faz o tormento do indivíduo, e a tentativa de coligar os tipos de torturas, que alguns autores a dividem em finalidades. E ainda apontar a atitude da vítima diante da sociedade. Deste modo, expondo a ligação dos processos de silenciamento por meio da tortura durante a ditadura militar.

Por conta disso, Longino (1997) diz que o sublime é um estado em que o espírito atinge o seu grau mais alto (LONGINO, 1997, p. 71). É uma sensação. Porém nos dois contos as sensações são dadas por sofrimento e prazer ao mesmo tempo. Principalmente na obra de Machado de Assis, o autor consegue mostrar a maldade de forma mais clara e objetiva. Já no conto de Nélida Piñon, percebe-se que a autora mostra a maldade de maneira que a mesma já está presente na sociedade, ou seja, não coloca tanto suspense em suas obras, mostra a sociedade sem máscaras, enquanto que no conto de Machado, percebi que o autor mostra uma sociedade que se esconde atrás de máscaras.

Mas, o que vem a ser o sublime da maldade? Diante desses fatos, o sublime é nada menos que a elevação de algo, e nesta análise o sublime aqui tratado é sobre a elevação da maldade. Ou seja, assim como se pode elevar o bem, poderá também elevar o mal, e nestas obras os autores nos mostram o lado mal e perverso do ser humano, e também o poder da nossa mente de elevar algo que nos maltrate só em pensamento, nesse aspecto sobre a mente, a autora Pinõn em seu conto como já foi dito acima, faz uma pequena comparação com o pensamento e o sofrimento de Jesus, quando ele chorou no “Horto das Oliveiras”, percebe-se porém que Zé, sofre mais lembrando do que aconteceu, do que quando era torturado no tempo da ditadura militar.

Por via das dúvidas, sabe-se que a maldade sempre esteve presente no nosso dia a dia, ou seja, nós seres humanos temos dois lados, mas que na maioria das vezes usamos mais o lado benéfico do que o maléfico. Isso faz com que nós nos escondemos atrás de máscaras, isso fica claro no conto de Machado em que ele mostra o lado benéfico e maléfico de Fortunato. Este por sua vez utiliza mais o lado mal, pois é esse lado que lhe é prazeroso, não é atoa que o sádico homem faz questão de abrir uma casa de saúde simplesmente para poder ver a dor das pessoas e fingir que tem compaixão, quando na verdade não passa de um miserável homem que se aproveita da dor dos outros para ser feliz.

Enfim, deixa-se claro que o sublime pode ser lido e interpretado de vários pontos de vista, mas, que a maldade por sua vez é interpretada de uma só forma, ou seja, ela é explícita somada a um sentimento de ódio por alguém que se tornará a vítima. Portanto, a maldade humana é perfeita, é sublime, nada se equivale a ela, nada se sobrepõe, somos maus por natureza, por caráter, por essência, por nascimento, por prazer, por passatempo, por vingança, por estupidez, por alienação, por fanatismo. Não tem como esconder a maldade, uma vez que ela está presente em todas as atitudes humanas, em todos os passos, em nosso caráter, em nosso comportamento, em nossa personalidade, somos todos maus, em menor ou maior grau de maldade, a perfeição da maldade é tão sublime, tão perfeita que ela impõem que todos, digo, que todas as maldades até mesmo as do “pensamento” se equivalem, todos tem o mesmo peso, a essência da maldade em todos os casos, em todos os exemplos é a mesma, a origem vem do mesmo ser, ser este que se diz perfeito, mas que na verdade nós não passamos de meros ratos de laboratórios, ou seja, estamos sempre experimentando os vários tipos de maldade presente neste mundo.

### **Considerações**

Por meio dessa pesquisa, com base nos estudos comparados e por meio das hipóteses levantadas, o propósito deste trabalho era mostrar como se dá a elevação da maldade em ambas

às obras literárias: “*A Causa Secreta*” e “*O Jardim das Oliveiras*”. Diante desse acontecido a intenção não era a de defender ou julgar qual das obras é a melhor, mas, sim demonstrar como cada obra apresentada nos mostra o verdadeiro sentido dos termos sublime e maldade.

Através dessa análise percebe-se que o termo “sublime”, aqui apresentado, nada mais é que “elevação”, ou seja, o sublime se dirige ao ilimitado, ao que ultrapassa o homem e todas as medidas ditadas pelos sentidos. Diante disso, o sentimento do sublime caracteriza-se por ser misto, e por ser mista, essa elevação poderá ser usada de duas maneiras, tanto para o bem, quanto para o mal. Já a maldade presente nos contos é mostrada de forma diferente, mas não deixa de causar sofrimento. No conto do Machado de Assis, e sobre as análises de Freud, pude perceber de forma clara e objetiva que o personagem Fortunato é sádico, o qual tem o prazer de ver o sofrimento alheio, já no conto de Nélide Piñon, ainda sobre a análise de Freud, o personagem Zé é masoquista, o qual tem o prazer de causar a própria dor. No conto de Assis, vários autores relatam outras histórias a respeito deste mesmo personagem (Fortunato) que parece ter dupla personalidade.

Ao elaborar este trabalho de pesquisa que está voltado para o comportamento do ser humano a respeito do sublime da maldade nas referidas obras, pude perceber que a maldade é algo que não surge com o passar do tempo, mas sim ela é própria do ser humano, uma vez que, cada ser traz consigo indícios de maldade e bondade.

Este trabalho mostrou como é dada a elevação da maldade, é para isso precisou saber o que vem a ser o sublime e como alguns estudiosos falam sobre a maldade. Por conta disso, “o sublime não leva os ouvintes a persuasão, não convence o ouvinte, mas o leva a exaltação: porque o salto imprevisível que provoca prevalece sempre sobre tudo aquilo que convence ou que agrada (LONGINO, 1997, p. 72). Sendo assim, o sublime é algo que anima o discurso poético de dentro para fora e arrasta os ouvintes ou os leitores ao êxtase.

Ainda sobre a análise do conto “*A Causa Secreta*”, não se pode deixar de lembrar que o rato torturado da experiência acaba sendo um espelho da esposa morta que, na sua agonia lenta, trouxe intenso prazer a Fortunato.

Percebe-se que, a elevação da maldade presente no conto “*O Jardim das Oliveiras*” e dada sem muitos rodeios. A autora ao criar esse conto, faz uma pequena intertextualidade com a passagem “*Horto das Oliveiras*” da Bíblia Sagrada. Em contrapartida nesta passagem Jesus sente-se fraco e agoniado por algo que ainda irá acontecer, a agonia é tão forte que Jesus sua sangue. No conto “*O Jardim das Oliveiras*”, o personagem que por sua vez é o narrador sofre por algo que já aconteceu, e acaba sofrendo muito mais lembrando das torturas causadas durante a ditadura militar.



Assim, por exemplo, a agonia de Cristo é convocada na expressão da angústia daquele que renega seus antigos valores, em “O jardim das oliveiras”, primeiro conto da obra “O Calor das Coisas”. Este conto narra, em primeira pessoa, a história de um preso que não suporta ser torturado, que examina os horrores da ditadura e a covardia moral dos seres humanos. Assim como Pedro nega Cristo, o protagonista desta história pretende negar a si mesmo. Talvez por se sentir fraco diante de tal situação e por não conseguir esquecer as possíveis torturas. Diante disso, Zé se autodenominava como um animal que ao lado das derrotas contabilizava os medos (PIÑON, 1997, p. 110).

Enfim, deixo-vos claro que a maldade é algo próprio da natureza humana. Como o tema é a respeito do sublime da maldade, o termo sublime como foi falado na análise, esse termo pode ser interpretado como misto, ou seja, ele serve tanto para o bem, quanto para o mal, já o termo maldade por sua vez é interpretada de uma só forma, ou seja, ela é explícita somada a um sentimento de ódio por alguém que se tornará a vítima. A maldade humana é perfeita e por ser perfeita é elevada, e nada se equivale a ela.

## Referências

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.p.68-114.
- ASSIS, M. de. “A causa secreta”. In: Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte. (Antologia organizada por Rinaldo Fernandes). São Paulo: Geração Editorial, 2008, p. 169-177.
- A Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora. Canção Nova, 2007.
- BOSI, Alfredo. Machado de Assis: *O Enigma do Olhar*. Editora Ática São Paulo, 2003.p. 48-72.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2004.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. In\_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud; edição standard brasileira. V. XXI. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 146.
- GUENTHER, Leila. “*A outra causa*”. In: Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte. (Antologia organizada por Rinaldo Fernandes). São Paulo: Geração Editorial, 2008, p. 180-185.
- MACHADO, Álvaro Manuel. PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Ed. Presença. Lisboa, 2001. p. 90.
- PIÑON, Nélica. “O Jardim das Oliveiras”. In: LUCAS, Fábio (org). Contos da Repressão. Rio de Janeiro. Record, 1997. p.102-107.
- SILVA, Eufrida Pereira da. A violência em “A Causa Secreta”, de Machado de Assis. [www.escolaletrafreudiana.com.br/userfiles](http://www.escolaletrafreudiana.com.br/userfiles)

**ABSTRACT:** This article is a comparative study on the sublime wickedness in the works "The Secret Cause" Machado de Assis and "The Garden of Olives" of Nelida Piñon. How this work

fits in the field of literary studies, particularly comparative literature, it should be argued theoretically in CARVALHAL (2004) and Longino (1997).

**KEYWORDS:** Literature, compare, sublime, evil.